

## COMO EXPERIMENTAR E COMPROVAR A BOA, AGRADÁVEL E PERFEITA VONTADE DE DEUS

---



"[1] Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. [2] Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus." (Romanos 12.1-2 – Nova Versão Internacional)

A passagem bíblica acima é bem conhecida pela maioria dos evangélicos.

No texto bíblico o apóstolo Paulo convida todos os cristãos a que se abram para a transformação e não se conformem com os caminhos deste mundo. Para o apóstolo, essas atitudes são necessárias para que percebamos, verdadeiramente, a vida a partir da perspectiva de Deus. Nas palavras de Paulo, é para que sejamos “*capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*”.

Muitos almejam seguir a vontade de Deus. Isso é bom. Porém, não é algo simples de se fazer. Quando a vontade de Deus está de acordo com a nossa vontade, com o aquilo que queremos, é fácil segui-la, compreendê-la, aceitá-la. Na maior parte das vezes, no entanto, a vontade de Deus se revela totalmente contrária ao que imaginamos. Por seguir a vontade de Deus, Abraão abandonou uma terra que possuía uma arquitetura monumental, enorme riqueza, moradias confortáveis e viveu como nômade em tendas por quase cem anos. Por seguir a vontade de Deus, Maria [mãe de Jesus] quase foi abandonada pelo marido e exposta ao público como mulher infiel e de conduta imoral. Por seguir a vontade de Deus, o Senhor Jesus morreu crucificado, mesmo sendo inocente. Por seguir a vontade de Deus, os apóstolos de Cristo foram crucificados, mortos a espada, decapitados, lançados em tachos de azeite fervendo, apedrejados, amarrados em sacos e lançados ao mar, esfolados vivos, enforcados, atravessados por lanças, cravados por flechas e arrastados pelas ruas. Seria essa a boa, agradável e perfeita vontade de Deus?

A princípio, falar sobre a vontade de Deus em relação a nossa vontade é algo paradoxal. Por um lado, a Bíblia nos convida a buscar no SENHOR a nossa alegria, e ele nos **dará os desejos do nosso coração** (cf. Salmo 37.4). Por outro lado, o Senhor Jesus nos ensinou a orar e pedir que **seja feita a vontade de Deus** em nossa vida (cf. Mateus 6.10). Para piorar, o próprio Deus declara que “*o coração humano é mais enganoso que qualquer coisa e extremamente perverso*” (cf. Jeremias 37.9 – NVT). Logo, a nossa vontade pode se mostrar ilusória ou equivocada. Por causa disso, a grande maioria das pessoas tem dificuldade em saber exatamente qual é a vontade de Deus para muitas ocasiões da vida.

No texto bíblico em grego, para o termo “vontade”, é utilizado o vocábulo θέλημα (*thélema*) que significa “aquilo traz satisfação”. Portanto, a vontade de Deus é aquilo que satisfaz o coração do próprio Deus; e o desejo dEle para nós é que também experimentemos essa satisfação. Contudo, o mundo no qual vivemos exerce toda a sorte de pressão sobre a nossa maneira de pensar, sentir e agir. Diariamente nos vemos forçados a adotar sistemas de valores totalmente contrários aos estabelecidos por Deus. Não são raros os momentos em que a nossa vontade, a nossa satisfação, opera em ambientes estranhos aos que Deus trafega e, em decorrência disso, acabamos por adotar a maneira de pensar deste mundo. Queremos fazer o que é certo, mas não o fazemos, não conseguimos. Somos dominados pelas inclinações da nossa natureza humana e pelo pecado que habita em nós (cf. Romanos 7.15-20). Quando queremos fazer o que é certo, percebemos que o mal está presente em nós. De acordo com o apóstolo Paulo, apesar do nosso desejo em satisfazer o coração de Deus, dentro de nós existe algo que está em guerra com a nossa mente e nos torna escravos do pecado que permanece em nosso interior (cf. Romanos 7.21-23). Como resultado, o ato de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus, parece não fazer parte do nosso cotidiano; e quando deixamos de experimentar a vontade de Deus, ficamos sujeitos à nossa própria vontade e aos erros e equívocos que, muitas vezes, a acompanha. Sendo assim, **como experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus?** É o que veremos a seguir.

Nem sempre vontade de Deus está claramente explícita na Palavra de Deus. Às vezes, não encontramos qualquer princípio que nos ajude definitivamente a definir se aquilo é ou não da vontade de Deus. Mas no texto bíblico em análise, o apóstolo Paulo fornece aos seus leitores os princípios básicos necessários para que seja possível experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Em nosso texto bíblico em análise, se fizermos uso da gramática normativa, a partir de aspectos lógicos e gerais observados na língua culta, poderemos lançar mão de figuras de criação (ou figuras de sintaxe) e através de uma figura de construção (também chamada de figura sintática), construir uma “inversão” da parte final da passagem bíblica e produzir, assim, uma mudança na ordem direta dos termos na frase (sujeito + predicado + complementos). De forma que o texto bíblico, colocado em ordem indireta, terá a seguinte transcrição:

*“Para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente”.*

Se mantivermos o texto bíblico dessa forma, nós teremos, então, os passos, as diretrizes, as atitudes que nos permitirão experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Que atitudes são essas? Vejamos:

**1. Para experimentarmos e comprovarmos a boa, agradável e perfeita vontade de Deus, precisamos nos oferecer em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus.** A este tipo de oferta, damos o nome de culto. Nos cultos sacrificiais oferecidos no Antigo Testamento, o animal primeiramente era morto, em seguida tinha o corpo particionado e depois queimado. Em nosso caso, devemos nos oferecer a Deus “vivos”, isto é, animados, cheios de vivacidade, entusiasmo, vigor. Deus quer que nos apresentemos diante dEle “ínteiros”, isto é, por completo, sem parciaisidades, com corpo, alma e espírito juntos, na totalidade da nossa vida concreta; plenamente concentrados e envolvidos com o momento da adoração. O termo “culto”, não faz alusão a simples atos litúrgicos. Culto é serviço, entrega e, principalmente, dedicação – uma das manifestações do amor. Tudo de forma racional, ou seja, de acordo com a razão, com a lógica. O culto racional é o culto com razões, com propósito, com motivação.

O cristão verdadeiro pertence a Deus pelo direito da criação e pelo direito da redenção. Contudo, ele ainda precisa se tornar de Deus em virtude da sua própria entrega livre de si mesmo. Oferecer-se como sacrifício a Deus é se permitir morrer, se permitir ser vencido por Ele. O apóstolo Paulo ensinou que *“a natureza humana deseja fazer exatamente o oposto do que o Espírito Santo quer, e o Espírito Santo nos impele na direção contrária àquela desejada pela natureza humana. Essas duas forças se confrontam o tempo todo”* (Gálatas 5.17 – NVT). O Espírito Santo é uma pessoa. Como pessoa, Ele tem personalidade – vontades próprias, desejos próprios, sentimentos próprios. De modo que **a vida cristã é uma luta diária de nós contra Deus; da nossa natureza humana contra a natureza divina do Espírito Santo. Para experimentar a vontade de Deus, precisamos “perder” para Ele. Parece paradoxo, mas, o cristão vitorioso, é aquele que tem a sua natureza humana derrotada por Deus.** Foi dentro desse contexto que o apóstolo Paulo declarou: *“já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”* (cf. Gálatas 2.20 – NVT). Paulo havia se permitido morrer; ele teve a sua natureza humana vencida por Cristo.


**2. Para experimentarmos e comprovarmos a boa, agradável e perfeita vontade de Deus, precisamos não nos amoldar ao padrão deste mundo.** O verbo amoldar, do grego σχηματίζω (*schematízō*), significa *“tomar a forma ou aparência”*. O termo grego tem a mesma raiz da palavra “esquema”. Engloba tudo o que em uma pessoa afeta os sentidos, o comportamento, o discurso, as ações, a forma de viver em geral. O cristão não deve imitar o comportamento e os costumes deste mundo. De acordo com o apóstolo Paulo, os cristãos são uma carta de Cristo, escrita para ser lida e conhecida por todos (cf. 2Coríntios 3.2-3). Cartas não falam. Elas precisam ser lidas e, para isso, sua escrita deve se mostrar visível e inteligível. Todas as pessoas precisam ler em nossa vida a escrita dos princípios do Evangelho. Paulo também diz que os cristãos são *“o aroma de Cristo que se eleva até Deus. Mas esse aroma é percebido de forma diferente por aqueles que estão sendo salvos e por aqueles que estão perecendo”* (2Coríntios 2.15 – NVT). Assim como a carta, o bom perfume não fala por si mesmo. Mas o seu aroma se torna perceptível por todo o ambiente em que se exala. Do mesmo

modo, temos que exalar do aroma do Evangelho de Cristo em qualquer lugar que estejamos. Tanto entre cristãos, como entre aqueles que ainda não conhecem a verdade do Evangelho. Em outras palavras, o nosso testemunho diário de vida, e não os nossos discursos, deve ser a nossa marca. Infelizmente, na maior parte do tempo, nos preocupamos em ser influência, mas sem consistência. Somos embalagens sem conteúdo. Os apóstolos de Jesus foram chamados de cristãos porque tinham a fôrma de Cristo e não o “esquema” do mundo. E nós? A qual “esquema” pertencemos?

**3. Para experimentarmos e comprovarmos a boa, agradável e perfeita vontade de Deus, precisamos nos transformar pela renovação da nossa mente.** O verbo transforma implica em mudar de forma, em transfigurar-se. Faz referência a aparência de Cristo que mudou e resplandeceu com brilho divino sobre o monte da transfiguração (cf. Mateus 17.1-2). A nossa transformação, do ponto de vista de Deus, envolve renovação, uma completa mudança para melhor. Mas não se trata, a priori, de uma transformação em nosso estereótipo e sim da mente. Não se trata de conhecimento, mas do nosso modo particular de pensar e julgar, da nossa capacidade de perceber as coisas. Se dirigir a Deus com compreensão, seriedade e sinceridade, envolve necessariamente esforço sincero em ser, pensar, falar e fazer o que é agradável a Ele, e evitar tudo o que Lhe desagrada, nas situações concretas, difíceis e perigosas da vida humana. Não é questão apenas de pensamentos, sentimentos e aspirações interiores, mas também de palavras e ações exteriores, de obediência de vida.

Uma mente cristã renovada tem dois aspectos. Em primeiro lugar, é uma mente que formou o hábito de se concentrar constantemente em Deus. É uma mente preocupada com Deus e direcionada regulamente a Ele em oração e meditação. Isso a torna capaz de trazer Deus ao centro do foco de obediência em várias ocasiões durante todo o dia. Em segundo lugar, uma mente renovada é aquela que vê toda a vida à luz de uma perspectiva cristã, e cresce em excelência intelectual.

A oferta, constantemente repetida, de nós mesmos em todo o nosso viver concreto como sacrifício vivo para Deus, é a verdadeira ação de adorar. A obediência do cristão é a sua resposta ao que Deus fez por ele e por todos os homens em Jesus Cristo. O seu motivo fundamental é gratidão pela bondade de Deus em Cristo. Isto significa que todo esforço moral e verdadeiramente cristão é teocêntrico. As pressões para nos conformarmos com o “esquema” do mundo estão sempre presentes, e são sempre fortes – de forma que nós com frequência cedemos, ainda que inconscientemente. Devemos reconhecer que, até certo ponto, nossa vida se conforma com o “esquema” desta era. Mas em lugar sermos marcados novamente e moldados pela figura deste mundo, devemos nos submeter à direção do Espírito de Deus. Devemos nos permitir ser transformados constantemente, remodelados, refeitos, a fim de que a nossa vida, aqui e agora, manifeste cada vez mais sinais e indícios da imagem de Cristo. Quando isso acontece, aí compreendemos a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Porque ela gerará em nós um sentimento de completude, de satisfação em Deus.

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 17/06/2018, na Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha - São Paulo/SP.